

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE ENSINO

Jarles Tarsso Gomes Santos; Verônica Araujo da Costa; William Alexandre de Freitas;
Marília Felix da Silva.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

jarlestarsso@gmail.com

veronicaaraujodacosta@gmail.com

willaf.wa@gmail.com

mari.felix.silva@gmail.com

RESUMO

O presente artigo compreende uma experiência curricular no Estágio Supervisionado II, por alunos do Curso de Licenciatura em Computação, com foco no relato das vivências e práticas de ensino utilizadas no decorrer do Estágio Supervisionado de regência, ministradas em uma escola pública de modalidade EJA, na qual as aulas tiveram ênfase na utilização de recursos tecnológicos, em especial do laboratório de informática. Dar-se-á foco para a importância do Estágio Supervisionado para a formação dos professores, bem como a formação de suas práticas de ensino, buscando em termos metodológicos aulas voltadas a mescla de práticas tradicionais com o uso de novas tecnologias, objetivando a junção de teoria às práticas de ensino observadas no decorrer das aulas do Estágio Supervisionado, além de experiências anteriormente observadas, tendo enfoque na construção coletiva do conhecimento, através da troca de Experiências que foi possibilitada pelos encontros integrados das licenciaturas das turmas de Matemática, Física e Computação e sua relevância para este estudo. Nas aulas ministradas foram utilizados softwares educacionais, com o intuito de usar a tecnologia na práxis pedagógica, objetivando tornar as aulas mais dinâmicas para os alunos presentes, visto que as tecnologias digitais mostram-se de grande auxílio ao processo educacional, ao qual pode trazer benefícios a professor e aluno. Assim, é esperado que este artigo contribua no caráter de construção profissional para a formação docente, entendendo-se das dificuldades que muitas vezes podem ser enfrentadas por eles, durante seu processo de formação como professor, ainda ressaltando-se a necessidade que o professor terá de sempre buscar aperfeiçoamentos, de modo a sempre criar novas práticas e desenvolver novas metodologias.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Regência, Ensino, Tecnologias na Educação.

INTRODUÇÃO

Observa-se que as escolas enfrentam a constante mudança no perfil dos alunos, de modo que é necessário adotar novas metodologias frequentemente. O papel de desenvolvê-las, comumente recai sobre o professor, considerado o principal responsável pelo processo educacional.

Entretanto, para que o professor tenha a capacidade de buscar alternativas no seu método de aula, ele precisa ser reflexivo e saiba avaliar a eficiência de suas aulas, estando disposto a mudanças. Freire (1996) diz que ao ser reflexivo, o professor pratica o ato de “pensar para fazer e sobre fazer”, que resulta em uma aula voltada para aquilo que tem significado no contexto social da turma (FREIRE, 1996).

O início do ato de reflexão começa no Estágio Supervisionado, durante a fase de

graduação, na qual o graduando pode observar, refletir e em seguida desenvolver sua metodologia para aplicação em aulas, com o objetivo de se preparar para que possa sair da universidade com sua *práxis* formada, de modo a contribuir para melhorar a educação aonde quer que ele leciona. Para Freire (1976) a *práxis* se caracteriza como “a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Portanto, possui o poder de transformar a realidade da educação, enquanto a educação é responsável por buscar entender esta realidade (FREIRE, 2001).

O Estágio Supervisionado é uma disciplina obrigatória em quase todos os cursos da área pedagógica, iniciando pela fase de observação, na qual o estudante pode observar aulas de outros professores e por fim chegar à regência, que possibilita a união entre a teoria aprendida em sala, seja na universidade ou durante as observações e a prática, realizada no Estágio Supervisionado de regência.

As aulas relatadas neste artigo partiram dessa conjectura, objetivando a união da teoria e prática, buscando sempre a reflexão sobre possíveis mudanças. Essa união se constrói quando o professor age e reflete sobre sua ação, de modo que ele consiga fazer e refazer de maneira constante, pois assim ele realiza a prática reflexiva, que possibilita voltar à teoria e assim a uma nova prática (FREIRE, 1981).

Tendo em vista a necessidade de novas práticas pedagógicas, é possível pensar em algumas alternativas que venham a contribuir com o processo de aprendizagem. Os Objetos de Aprendizagem (OA), por exemplo, possuem grande potencial e podem ser usados como ferramentas para complementar esse processo. Eles se apresentam como uma alternativa que pode dar maior significado a aula, transformando o processo de aprendizagem.

Um OA é uma ferramenta de aprendizagem que pode ser utilizada para o ensino de diversos conteúdos, com vista no desenvolvimento do pensamento crítico do aluno. OAs podem ser criados em qualquer mídia ou formato, dando origem a um jogo, animação ou simulação (AGUIAR & FLORES, 2014). Por meio deles, é possível desenvolver atividades diferenciadas, através do uso de tecnologias digitais, que auxiliam na mudança do processo de aprendizagem, e portanto, devem fazer parte do contexto escolar, e os professores precisam explorá-los de forma crítica e contextualizada (SOUSA ET AL, 2016).

As aulas relatadas neste artigo mostram como ocorreu o processo de inserção dos OAs em uma escola pública na cidade de Patos – PB, na disciplina de Matemática do Ensino Fundamental II - EJA, tendo como objetivo a união da disciplina em questão com as novas tecnologias, no intuito de buscar uma metodologia inovadora, ao

ser observado que os alunos desta modalidade de ensino possuem grandes dificuldades na aprendizagem.

Por meio das aulas realizadas, os estudantes de graduação executaram diversas atividades diferenciadas, tanto para os alunos como para eles, pois foi possível praticar o ato de ser reflexivo, enquanto os alunos da escola conheciam novos métodos de aprendizagem.

METODOLOGIA

A aplicação do Estágio Supervisionado foi feita nas aulas de Matemática, ministradas na 7ª série do Ensino Fundamental com alunos da modalidade de ensino EJA. O conteúdo programado foi preparado de modo a buscar alcançar um significado para o aluno, para que ele possa observar o porquê daquele conteúdo ser importante dentro do processo de aprendizagem.

A prática ocorreu por meio de pesquisas de campo, de cunho participante, focando-se principalmente em buscar significados no processo, visto que desse modo o pesquisador tem interesse em observar o sentido daquela atividade na visão de cada participante, bem como as perspectivas de cada um deles (BOGDAN E BIKLEN, 1994), de modo ao qual seja possível atingir as aspirações dos pesquisadores e todos envolvidos no desenvolvimento do conhecimento científico.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento das aulas, ocorreu por meio de mesclas das práticas mais tradicionais de ensino, que são habituais aos alunos e a utilização de ferramentas digitais, mescla essa que se faz necessária ao passo que os professores têm de buscar atrair mais a atenção dos alunos para a transmissão de novos conhecimentos, de formas mais lúdicas e interativas.

Nas aulas realizadas utilizando ferramentas digitais, foi dado destaque a sala de informática e o *datashow*, por acreditar que elas podem dar um maior incentivo para que o aluno busque interesse em ser participativo, pois são ferramentas que possuem grande potencial, porém, pouco exploradas por eles em sala.

Os recursos utilizados na sala de informática foram os softwares educacionais, que são desenvolvidos com intuito de divertir o aluno enquanto ensinam (SOFFA & ALCÂNTARA, 2008). Desse o aluno pode conseguir assimilar o conteúdo proposto sem que ele ache que tem cara de aula.

Entretanto, cabe ressaltar que as ferramentas digitais são apenas uma alternativa à disposição do professor e não devem ser usadas como fonte única

de aprendizagem. Para Pimenta e Lima (2005) a exigência dos alunos em formação, por sua vez, reforça essa perspectiva, quando solicitam novas técnicas e metodologias universais, acreditando no poder destas para resolver as deficiências da profissão e do ensino, fortalecendo, assim, o mito das técnicas e das metodologias (PIMENTA & LIMA, 2005). Portanto, é necessário que o professor mescle o seu modo de atuar em sala e faça uso de diversas ferramentas metodológicas, pois mesmo que utilize técnicas consideradas inovadoras, alguns alunos podem não se adequar a elas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A regência é o momento em que o estudante irá interagir diretamente com o aluno, intervindo na realidade da escola. Neste processo, dar-se início ao preparo de materiais e conteúdos. Sousa et al. (2016) afirmam que os professores devem conhecer muito bem os conteúdos a serem apresentados, pois, caso contrário, podem permitir que conceitos errôneos estejam presentes no material, ou possam dar margem a interpretações que não estejam de acordo com o mundo real (SOUSA et al., 2016). Deste modo, uma boa aula está diretamente relacionada ao planejamento de quem a irá ministrar, e requer tempo de esforço e pesquisas de materiais adequados para cada ocasião. Com este objetivo, deu-se início o preparo do material a ser utilizado na escola, pretendendo alcançar um bom método de ensino para os alunos presentes.

O conteúdo inicialmente abordado durante as aulas foi o de porcentagem, abrangendo transformações de frações em porcentagem e aplicações de porcentagens em atividades diárias.

A primeira aula foi ministrada utilizando os materiais comumente usados, quadro e pincel. O conteúdo programado foi explicado pelos estagiários e em seguida, foram aplicados exercícios para os alunos. A conclusão da aula ocorreu através da resolução do exercício proposto, no qual todos puderam observar seus erros e acertos.

Na segunda aula foi dada continuidade ao assunto de porcentagem, porém, com recursos diferentes. A partir desta aula, foram utilizadas ferramentas digitais, com o intuito de tornar o ensino mais intuitivo para os alunos. A aula teve início com a apresentação do software Sequência Máxima, que serve como teste de raciocínio lógico. Nele é apresentado uma sequência de números que variam de 0 a 9, que aparecem e somem em poucos segundos e os alunos têm que identificar em ordem crescente em que posição cada número apareceu.

Para aguçar a curiosidade dos alunos, foi exibido um vídeo no qual mostra a superioridade de chimpanzés com relação aos humanos, na realização de um teste semelhante ao do Sequência Máxima. O vídeo expõe que os chimpanzés possuem a capacidade de memorizar mais informações a curto prazo.

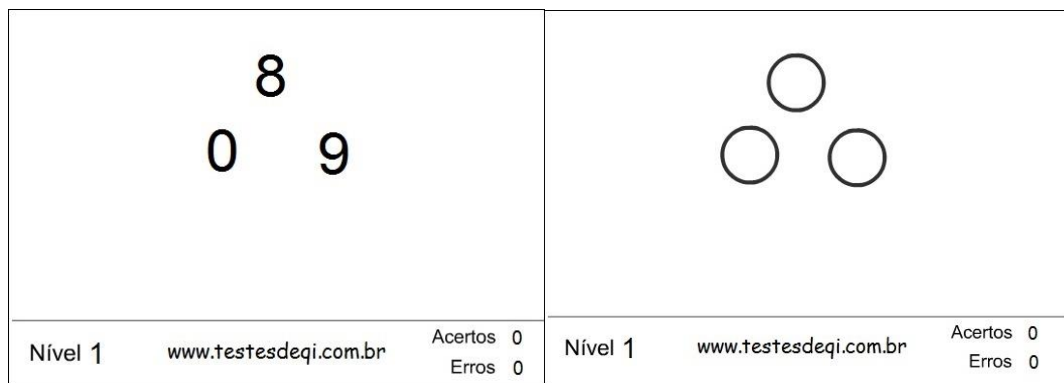


Figura 1 - (a) Apresentação dos números a serem memorizados (b) Números cobertos para encontrar sequência.
Fonte: Próprio autor.

Durante a realização das atividades com o software, foi pedido que cada aluno se dirigisse ao computador e realizasse o teste de maneira individual. A curiosidade dos demais aumentava à medida que cada colega realizou o seu teste. Para dar continuidade ao conteúdo de porcentagem, abordado pelo professor da disciplina, foi feita a anotação da quantidade de erros e acertos individuais que cada aluno obteve no jogo, para que em seguida fosse possível calcular a porcentagem de erros e acertos de cada um dos participantes.

No decorrer das aulas, foi possível perceber uma grande dificuldade por parte dos alunos em realizar cálculos simples, como das quatro operações matemáticas. Em vista disso, a terceira aula foi utilizada para revisão deste conteúdo, utilizando o laboratório de informática da escola. Após a explanação dos objetivos propostos para a aula, foi dado início às atividades.

A ferramenta utilizada na aula em questão foi o software educacional TuxMath[1] (figura 1), presente nas distribuições Linux Educacional[2], oferecidas de forma gratuita. O TuxMath serve para realizar cálculos matemáticos e utiliza uma interface intuitiva, na qual exhibe meteoros que devem ser destruídos. Para que isso ocorra, cada meteoro possui uma operação matemática, que quando respondida, realiza a destruição.

O TuxMath permite que os alunos possam vivenciar uma metodologia diferente do habitual, de modo que aumente o seu interesse, contribuindo para melhorar os resultados na disciplina de Matemática (PORTUGAL & MURAROLLI, 2015).



Figura 2 (a) – Opções de atividades com o TuxMath. **(b)** Interface durante a atividade.
(fonte: <http://tuxmath.br.uptodown.com/windows>)

Na última aula foi abordado o conteúdo de polinômios, dando continuidade ao que já vinha sendo ministrado pelo professor da disciplina. Para reforçar o conteúdo à turma, foram elaborados exercícios impressos, que foram respondidos pelos alunos e em seguida corrigidos com o apoio do quadro.

Mesmo expondo diversas dificuldades, a turma de modo geral mostrou-se participativa durante todas as atividades. Isso ajudou para que o conteúdo programado fosse ministrado, sem ter havido perda de conteúdo.

É evidente o quão desafiador se mostra o Estágio para estudantes que estão ingressando na carreira docente. Visto isso, diversas alternativas são buscadas para tornar o processo eficiente tanto para o estudante de graduação, quanto para o aluno da escola onde o Estágio é realizado. Por isso, algumas atividades foram desenvolvidas antes da ida dos estagiários até a escola, visando o sucesso do Estágio.

Inicialmente, houve o primeiro Seminário Pedagógico das Licenciaturas. Ele foi um projeto desenvolvido pelos professores das disciplinas pedagógicas da UEPB, campus VII, com o objetivo de unir as turmas dos cursos de Computação, Física e Matemática, para discutir assuntos e compartilhar experiências relacionadas à pedagogia, formação docente e prática. Foram realizados três encontros, nos quais mobilizou todo o campus.

Os encontros foram indispensáveis para o planejamento das aulas que seriam ministradas na escola, pois durante os encontros foram discutidos os livros “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire e “Formação Docente Profissional” de Francisco Imbernón. O objetivo foi fazer com que os alunos lessem os livros e a partir deles fossem desenvolvidas atividades que abordassem o contexto de cada um, obtendo assim experiência e embasamento teórico para usar nas suas práticas em sala de aula.

Segundo Imbernón (2011) “o professor dentre outros pontos deve ser um agente transformador tanto individual quanto coletivo, como facilitador da aprendizagem, reflexivo, instigador, provocando a cooperação e participação dos alunos” (IMBERNÓN, 2011), pois todas essas habilidades são fundamentais tanto para a construção de um bom aprendiz como para um cidadão que visa viver em sociedade, onde habilidades como a cooperação é comumente exigida.

O período de Regência na Escola oportunizou a experiência de lecionar pela primeira vez em uma turma de jovens e adultos. Durante as aulas que foram ministradas, foi feito uso de ferramentas tecnológicas como o computador e o Datashow, aos quais muitos alunos não tinham muita familiaridade e que apesar de ser uma novidade, encontramos um pouco de resistência em algumas ocasiões.

Freire (1996) afirma que ao entrar em uma sala de aula, o professor precisa estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos e também a suas inibições (FREIRE, 1996). Por esse motivo todas as opiniões foram respeitadas e foi preciso aguardar o momento em que cada aluno se sentiu mais à vontade para ser mais participativo e interagir com os materiais usados no processo, que fugiram do habitual.

Algumas dificuldades foram encontradas no processo. Podemos destacar a necessidade de lecionar em uma disciplina diferente da linha de pesquisa do curso em que os estagiários estão matriculados. Entretanto, isso serve para expor o quão abrangente mostra-se as ferramentas digitais, podendo ser interdisciplinar, bastando ao professor ter a capacidade de enxergar o momento ideal para fazer o seu uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado é o momento em que os estudantes de graduação têm a primeira oportunidade para observar e praticar aquilo que ele almeja para seu futuro, podendo dar início a sua identidade profissional, tendo em vista que ao assumir o papel de um professor, o estudante passa a se comprometer mais com as atividades que desenvolve (PONTE; CHAPMAN, 2008).

As atividades relatadas neste artigo propiciou a obtenção de diversos conhecimentos práticos e teóricos, os quais puderam ser observados e aplicados em sala de aula, dando total validade para esse componente curricular. É no Estágio Supervisionado que os estudantes de graduação têm seu primeiro contato com o ambiente de trabalho (a sala de aula), com foco na obtenção de experiência para futuramente exercer a profissão.

Nesta etapa do curso se vive uma iniciação para a carreira docente, que até o momento só tinha sido observada e teorizada.

Outro ponto importante no Estágio Supervisionado é a compreensão do quão importante é o planejamento pedagógico se ocorrido junto à prática reflexiva, para que o aluno possa obter o conhecimento que o professor propõe durante suas aulas. Com o desenvolvimento das atividades em sala de aula, foi possibilitado fazer uma análise quanto ao uso de um método tradicional de ensino, com estratégias voltadas a utilização de ferramentas tecnológicas. Neste ponto observou-se que aulas mais interativas com esse tipo de recursos propiciam uma interação maior da turma, gerando uma obtenção de conhecimentos de forma mais interativa, com maior significado para os conhecimentos que estão sendo adquiridos no decorrer da aula.

Um problema comumente encontrado pelos estagiários é o distanciamento que pode haver entre a vida e o trabalho concreto que será desenvolvido nas escolas, pois muitas vezes as disciplinas que serão ministradas em sala de aula não possuem relação com seus cursos de formação, como é o caso dos estagiários deste estudo, no qual foi necessário buscar aulas na disciplina de Matemática, visto que disciplinas de informática ainda não são realidade de todas as escolas. Porém, uma alternativa foi trazer a Informática para dentro das aulas de Matemática.

Vemos então que o Estágio Supervisionado é uma ferramenta de formação profissional, sem a qual os profissionais podem não ter o preparo necessário para exercer suas funções, pois a mesma visa o crescimento de seus métodos e práticas. A profissão apresenta diversos percalços, aos quais os estagiários terão que ter algum conhecimento para poder superá-los quando chegar o momento ao qual terão que exercer suas funções docentes.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, P. 1921-1997. Política e educação: ensaios/Paulo Freire. -5. Ed. Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poésis Santa Catarina, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

PONTE, J. P.; CHAPMAN, O. Preservice mathematics teachers' knowledge and development. In: ENGLISH, L. D. (Ed.). Handbook of international research in mathematics education. 2. ed. New York: Routledge, 2008. p. 225-263.

PORTUGAL, C. R.; MURAROLLI, P. L. A influencia de um software educativo matemático no 3º ano do ensino fundamental I, Revista Perspectiva em Ciências Tecnológicas, fatece.edu.br, 2015

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
SILVA, Nilson Robson Guedes. Estágio supervisionado em pedagogia. Campinas: Alínea, 2011.

SOUSA, R. P.; BEZERRA, Carolina Cavalcante; SILVA, Eliane de Moura, et al. Teorias e práticas em tecnologias educacionais. Campina Grande: Eduepb, 2016.

TAROUCO, L. M. R.. Objetos de Aprendizagem: teoria e prática/ Organizadores Liane Margarida Rockenbach Tarouco, Bárbara Gorziza Ávila, Edson Felix dos Santos e Marta Rosecler Bez, Valeria Costa. Porto Alegre : Evangraf, 2014.

SOFFA, M. M.; ALCÂNTARA, P. R. C. O uso do software educativo: Reflexões da prática docente na sala informatizada. In Congresso Nacional de Educação, 8, Curitiba, 2008.